



102 Cenas de violência no TRE: pai e filho brigam, armando tumulto...

Sessão tranquila acaba em briga

A tranquilidade que se viu durante as quase três horas que durou o julgamento de Márcia Kubitschek ontem no TRE, só foi rompida no final da sessão, quando uma violenta briga envolveu o filho do advogado Pedro Calmon — que atuou pelo Partido da Juventude, autor do pedido de impugnação — e um dissidente do PDT, o funcionário do Tribunal de Justiça, Manoel Augusto, que acusava, aos berros, o advogado de ladrão e assassino, “sem moral para defender ninguém”.

Os policiais que guardavam as portas da sala de julgamento separaram os dois evitando que o clima “esquentasse” ainda mais. Manoel Augusto saiu por um corredor lateral, evitando falar com a imprensa. O advogado Pedro Calmon, nesta altura bastante alterado, também não quis comentar o episódio. Seu filho, o “Pedrinho”, continuou seguro pelos policiais até se acalmar.

Fora o incidente, no entanto, o nervosismo ficou por conta do primo de Márcia Kubitschek, também candidato pelo PMDB, só que ao Senado, Carlos Murilo que, ao final do julgamento não conseguia disfarçar um leve tremor nas mãos. Na assistência, que por diversas vezes teve que ser retirada para que os

juízes conversassem sem testemunhas, os partidários da candidata se manifestaram raras vezes, aplaudindo as intervenções do advogado de Márcia, Célio Silva.

Se o nervosismo não foi tão visível, havia um clima de clara ironia entre os advogados das partes. A certa altura, quando Célio Silva declarou que houve um engano “do computador” no que diz respeito ao tempo de residência da candidata em Brasília — que ela alegou ser de 30 meses — quando na realidade o número correto seria 03 meses, Pedro Calmon não consegue o riso, e fez questão de rir alto, para irritar o oponente.

Nem mesmo o Procurador do Tribunal Eleitoral, Haroldo Ferraz da Nóbrega, resistiu e usou da ironia ao fazer uma referência à declaração feita por Márcia Kubitschek, em 1985, segundo a qual ela exercia a função de “prendas do lar”. “Ora”, afirmou o procurador, “toda mulher tem prendas do lar, mas essa não era a ocupação principal da candidata”. Márcia foi representante da Embraer em Nova Iorque até meados de 1985.

SOLENIDADE

Na “torcida” de Márcia estavam, além do primo Carlos Murilo, o também

candidato do PMDB ao Senado Pompeu de Souza, o candidato a candidato Elias Mota, e o presidente do PMDB, Milton Seligman, o mais tranquilo entre os presentes. Márcia Kubitschek, durante o julgamento, esteve em campanha, talvez já consciente de que, se não obtivesse a vitória, não sofreria nenhuma derrota. A notícia do resultado do julgamento a alcançou em Planaltina através do primo, já depois das 22 horas.

O ar solene da sala de julgamento do TRE não impediu que também os juízes incorressem em algumas “gafes”. A presidente desembargadora Maria Tereza Braga, chegou a dar como “unânime” a decisão do Tribunal a respeito do pedido de registro de candidaturas do Partido dos Trabalhadores, quando ainda não havia ocorrido a declaração dos votos dos juízes.

Além do pedido de impugnação da candidatura de Márcia Kubitschek foram julgados mais dois pedidos de igual teor. Um do candidato ao Senado pelo PDT, Mauricio Corrêa e outro do candidato ao Senado pelo PFL, o do deputado Paulo Xavier, atualmente exercendo mandato pela Paraíba. Ambos foram inocentados das acusações e continuam candidatos às eleições de novembro.